

Pacote da dívida sai em alguns dias

Externa
A negociação com os bancos credores foi reiniciada ontem, com um breve encontro. Os negociadores do Brasil acreditam em acordo breve.

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — As negociações da dívida brasileira, interrompidas na semana passada, recomeçaram ontem, em Nova York, com um curto encontro do qual representantes do Brasil e do Comitê de Bancos Credores saíram com a mesma informação para a imprensa: "Precisaremos de mais alguns dias para fechar o pacote".

As negociações tinham sido suspensas, no dia 17, com a volta dos negociadores brasileiros ao Brasil, por causa de um impasse quanto ao vínculo entre os desembolsos dos bancos comerciais e o cumprimento de metas de um programa do FMI, pretendido pelos banqueiros. O Brasil teria proposto um "vínculo flexível", pelo qual os acordos com os bancos e o FMI co-existiriam, sem a interrupção automática de desembolsos caso alguma meta não fosse cumprida.

— Temos que ouvir o que os negociadores brasileiros vão nos dizer, agora que voltaram de alguns dias de consultas em Brasília —, disse um banqueiro do comitê ao **Estado**.

Outro problema das negociações continua sendo a cláusula do acordo que prevê a penhora liminar de bens brasileiros caso os pagamentos sejam suspensos. E mais um, ainda, é o papel que o Banco Mundial poderia assumir, dando as garantias pedidas pelos credores japoneses mas questionadas principalmente pelo governo americano, ou entrando com co-financiamentos ou financiamentos paralelos. Nenhum desses dois pontos evoluiu ainda na direção de uma solução.

O final das longas negociações entre o Brasil e seus credores está sendo aguardado como um marco na crise da dívida. Se o Comitê de Bancos Credores, depois de fechado



Baker: mais dinheiro

FMI ainda analisa as contas do País

A missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) continuou mantendo, ontem, uma série de reuniões de caráter interno, coletando dados e informações relativos às contas externas brasileiras. O técnico responsável pela área externa, Gumersindo Oliveros, e o técnico do Departamento Econômico do Banco Central, Hélio Rebello, deram prosseguimento ao trabalho de distribuição trimestral do balanço de pagamentos. Doris Ross, Eric Clifton e o chefe do Departamento Econômico do BC, Sílvio Rodrigues Alves, analisaram a área de financiamento do setor público, esclarecendo dúvidas sobre a unificação orçamentária.

o pacote, conseguir coletar os US\$ 5,2 bilhões prometidos, entre mais de 600 bancos espalhados pelo mundo, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, terá motivos para celebrar: será uma vitória para seu plano de alívio da dívida e crescimento dos países em desenvolvimento com a injeção de mais dinheiro, em troca de mercados mais abertos e reformas econômicas.

Se o pacote brasileiro, fechado, não receber a adesão da comunidade bancária, um grupo de democratas dentro do Congresso americano, apoiado por vários economistas, sairá reforçado: sua tese é a de que a dívida do Terceiro Mundo se tornou impagável, e que o melhor a fazer será reduzi-la.

O choque destas duas abordagens, no Congresso americano, tem impedido que os Estados Unidos dêem sua contribuição ao aumento de capital do Banco Mundial em

US\$ 75 bilhões, nos próximos seis anos.

PERDÃO PARCIAL

A alternativa a novos empréstimos seria pior, como dizem os defensores do Plano Baker. O perdão parcial da dívida desestimularia a economia dos países endividados e cobraria uma participação do contribuinte para salvar os Bancos. O Departamento do Tesouro, o banco Central americano (Federal Reserve) e instituições governamentais parecem dispostos a pressionar para que os credores do Brasil apóiem rapidamente o pacote sendo fechado em Nova York. E isto terá que ser feito antes que algum outro grande devedor amplie a crise, criando uma perspectiva para uma revolta geral dos países endividados. Como disse um especialista em América Latina da Universidade John Hopkins, Riordan Roett, ao **The Washington Post** de ontem: "O Brasil pode ser ruim, mas a Argentina será pior".